

7

A PERSEGUIÇÃO RELIGIOSA COMO ELEMENTO FORMATIVO DA IGREJA CRISTÃ E SUA TEOLOGIA

Alexandre Milhoranza¹

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo analisar a origem da Igreja Cristã e da literatura canônica sob o contexto da perseguição religiosa. O conceito de perseguição religiosa parte do princípio que foi predito por Jesus e embasou-se na pesquisa no livro de Atos dos Apóstolos acerca das perseguições que os apóstolos e os primeiros cristãos sofreram e na análise teológica dada pelos escritores sagrados nos diversos escritos neotestamentários. A igreja continuou sua expansão sob perseguição em diversos locais e sua produção teológica, que viria a tornar-se o Novo Testamento, foi realizada neste contexto de hostilidade e ameaças à fé cristã.

Palavras-chave: História; igreja cristã; perseguições religiosas; martírio.

INTRODUÇÃO

O Novo Testamento é uma coleção de documentos usados pela igreja cristã que “foram escritos por um período de pouco mais de meio

¹ Alexandre Milhoranza é bacharel em Teologia pela Faculdade Teológica Batista de São Paulo e coordenador pedagógico de Educação Cristã da Igreja Batista em Morro Grande.

século, provavelmente de 45 d.C., o mais antigo, a 100 d.C. As alusões históricas ali contidas cobrem todo século I.”²

Atos é o livro do Novo Testamento que narra o estabelecimento da Igreja, foi escrito por volta do ano 62 d.C.³, e, ainda de acordo com Carson, um dos propósitos do autor é de caráter apologético, isto é:

Lucas queria provar a cidadãos romanos que o cristianismo era uma religião que devia ser tolerada - uma *religio licita* na terminologia oficial. Roma havia se tornado bastante cética a respeito de religiões orientais, até mesmo temerosa de seus efeitos prejudiciais à população.⁴

Nesta narrativa lucana somos informados acerca do martírio de Estevão ordenado pelo concílio judaico (Atos 7), a prisão de Pedro e a morte de Tiago determinadas por Herodes (Atos 12), além das diversas perseguições que Paulo enfrentou em suas viagens missionárias (Atos 13 a 28). Foi durante essas viagens que o apóstolo escreveu grande parte de suas cartas endereçadas às diversas igrejas da Ásia e Europa. Além das perseguições sofridas em algumas das cidades pelas quais o apóstolo Paulo passou, redigiu as cartas aos Filipenses, Colossenses, Efésios e Filemon, entre os anos de 57 d.C. a 61 d.C., enquanto estava preso.⁵

Na sétima década do primeiro século, os cristãos já eram reconhecidamente separados do judaísmo, pois seu alcance se estendia cada vez mais aos gentios diminuindo a proporção de judeus na igreja, entretanto,

² TENNEY, Merrill C. *O Novo Testamento: sua origem e análise*. São Paulo: Shedd Publicações, 2008. p. 142.

³ CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997. p. 219.

⁴ CARSON, 1997, p. 222.

⁵ TENNEY, 2008, p. 324. A análise do local da prisão de Paulo, para este trabalho, não é importante, pois queremos destacar o caráter da perseguição na formação do cânon do Novo Testamento. Portanto, se Paulo esteve preso em Jerusalém ou Roma é irrelevante para esta demonstração.

suas crenças, ainda desconhecidas do Império, geraram muitas especulações atraindo mais hostilidade e perseguição. Neste tempo Nero ascendeu ao trono de Roma dando início ao primeiro período das perseguições imperiais contra os cristãos.⁶

De acordo com Tenney a, “Primeira [carta de] Pedro foi escrita em resposta a essa situação, visto esta afetar as igrejas do norte da Ásia Menor, nas províncias do Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia”.⁷

Outro livro do cânon neotestamentário escrito em resposta à perseguição enfrentada pelos cristãos é o Evangelho de Mateus, que, segundo Gundry, “parece mostrar com mais força que foi escrito para fortalecer os cristãos judeus que sofriam perseguição, para adverti-los contra a frouxidão e apostasia e encorajá-los a aproveitar a perseguição como oportunidade de evangelismo de todas as nações”.⁸

As denominadas epístolas pastorais foram escritas no período em que Nero era o Imperador, e, a última delas, 2 Timóteo, “foi a última mensagem do apóstolo a seus auxiliares e amigos antes de desaparecer de cena”.⁹

Outras epístolas gerais, tais como, 2 Pedro, Judas, 1, 2 e 3 João “são matizadas pelos perigos dos tempos que ameaçavam a igreja pela sutil infiltração do paganismo em seu pensamento, não menos do que pelos ataques frontais da perseguição externa”.¹⁰ Apocalipse encerra o cânon neotestamentário, produzido no final do século I, durante o reinado de Domiciano (81 - 96 d.C.), e, devido a:

sua insistência em ser adorado como uma divindade e a tirania crescente de sua ditadura puseram-no em oposição ao cresci-

⁶ TENNEY, 2008, p. 354.

⁷ TENNEY, 2008, p. 355.

⁸ GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 217.

⁹ TENNEY, 2008, p. 348.

¹⁰ TENNEY, 2008, p. 376.

mento do cristianismo e constituíram o presságio do aparecimento das condições sociais, econômicas e religiosas que Apocalipse profetizava. Apocalipse, portanto, é uma testemunha da hostilidade crescente que surgiu entre a igreja e o Estado romano. Não implica forçosamente que se tivesse adotado uma política universal de perseguição aos cristãos, mas revela claramente que não pode haver transigência entre um Estado pagão e a igreja cristã.¹¹

Portanto, uma vez que o Novo Testamento foi produzido em grande parte em períodos de perseguição neste capítulo analisaremos seus inúmeros trechos que tratam sobre a hostilidade à igreja cristã. Em primeiro lugar verificaremos na narrativa de Atos, o surgimento e estabelecimento da igreja cristã sob o contexto da perseguição e, após a análise do nascimento da igreja cristã sob estas condições adversas, veremos como a perseguição influenciou a produção literária dos escritos neotestamentários.

1 A ORIGEM DA IGREJA CRISTÃ SOB PERSEGUIÇÃO DESCRITA EM ATOS DOS APÓSTOLOS

Antes mesmo do início da Igreja, descrito na narrativa contida no livro dos Atos dos Apóstolos, Jesus vaticinou a perseguição aos seus seguidores, conforme descrito anteriormente. Estas predições se concretizaram antes do encerramento do primeiro século da era cristã, também denominado de Era Apostólica em virtude da morte do apóstolo João por volta desse mesmo período.¹²

Passaremos a analisar a perseguição da Igreja em sua origem executada pelos próprios judeus, e, posteriormente como se realizou a perseguição pelo Império Romano.

Ao examinarmos a perseguição no período neotestamentário é importante mencionar que, a hostilidade religiosa não vinha apenas do poder

¹¹ TENNEY, 2008, p. 394.

¹² HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Vida, 2007. p. 16.

político dominante, isto é, do Império Romano, mas também de outras esferas sociais, tais como o poder religioso, representado pelos sacerdotes judeus e o poder econômico, representado pelos mercadores gregos.¹³

O livro de Atos dos Apóstolos menciona casos de perseguição contra os cristãos, antes do poder político de Roma manifestar, por si mesmo, sua hostilidade contra os seguidores deste novo movimento religioso.

O primeiro caso registrado de perseguição pelo poder religioso ocorre no capítulo quatro, durante a exposição de Pedro sobre mensagem cristã. Lucas registra que Pedro e João ainda estavam entre o povo, anunciando sua mensagem, quando as autoridades judaicas chegaram para os prenderem. De acordo com o verso dois o motivo para o aprisionamento é nitidamente religioso. Segundo Marshall, os sacerdotes gozavam desta prerrogativa, dada pela lei judaica, especialmente porque estavam no templo de Jerusalém, onde este episódio teve conotações de violação da paz no local.¹⁴ Kistemaker destaca que o sacerdote que ocupava a função de capitão da guarda do templo e era o encarregado pela força policial, sua autoridade só estava debaixo da autoridade do sumo sacerdote e seu dever era manter a ordem na área do templo.¹⁵ Um aspecto interessante neste texto de Atos 4.1-6 é o intercâmbio no uso das palavras sacerdote e sumo sacerdote. Alguns estudiosos especulam quanto à substituição do termo sacerdote por sumo sacerdote com o fim de evidenciar a perseguição religiosa.¹⁶

Outro exemplo da perseguição aos cristãos pelo poder religioso judeu está no relato de Lucas, registrado no livro de Atos, onde as primeiras agressões físicas partiram do Sinédrio¹⁷ (Atos 5.40). O castigo de qua-

¹³ BOYD-MACMILLAN, Ronald. *A fé que persevera: guia essencial sobre a perseguição à Igreja*. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2009. p. 125-128.

¹⁴ MARSHALL, I. Howard. *Atos: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1982. p. 97.

¹⁵ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 198.

¹⁶ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 203.

renta açoites menos um era a punição que o Sinédrio judaico estava autorizado a aplicar àqueles que desobedeciam à Lei.¹⁸

Os açoites eram aplicados com um chicote feito de pele de bezerro, na parte superior do corpo nu do ofensor - sendo que um terço dos açoites era aplicado no peito e os outros dois terços nas costas. O ofensor ficava de pé numa posição encurvada e aquele que ministrava os açoites ficava de pé sobre uma pedra em posição superior. As chicotadas eram acompanhadas de recitação de versículos das Escrituras contendo admoestação e consolação.¹⁹

Neste primeiro momento, os apóstolos foram soltos provavelmente por serem judeus palestinos, entretanto o nível de agressão do Sinédrio aumentou em pouco tempo, e, não demorou muito para o surgimento do primeiro mártir cristão: Estevão, que foi morto por apedrejamento, fora da cidade de Jerusalém, a forma judaica tradicional para aplicação da penalidade capital (Atos 7.54-59).

Neste episódio, como ocorrera com Jesus, o Sinédrio apresenta testemunhas falsas, que mentem a respeito das palavras de Estevão dizendo que ele não cessava de falar contra a lei e o templo, pilares da religião e cultura judaicas. É importante destacar que as testemunhas não fornecem detalhes acerca de suas acusações e usam muitas generalizações.²⁰

Porém, Marshall destaca que o procedimento judicial, neste caso, talvez não tenha seguido o padrão legal.²¹ Talvez, por ser um judeu helenista, Estevão tenha sido executado em detrimento de uma punição menos severa.

Após este episódio houve uma fuga em massa dos cristãos de Jerusalém para as regiões da Judeia e Samaria (Atos 8.1), provavelmente por acharem que seus perseguidores não se dariam ao trabalho de irem às regiões campestres de Israel. Marshall comenta:

¹⁷ Tribunal supremo dos judeus, composto por 70 a 100 homens.

¹⁸ MARSHALL, 1982, p. 120.

¹⁹ COHN, H. *Encyclopaedia judaica*. Grand Rapids: Eerdmans, v. 6, 1992. p. 1350.

²⁰ KISTEMAKER, 2006, p. 309.

²¹ MARSHALL, 1982, p. 145.

Um tipo diferente de zelo religioso foi aquele demonstrado por Saulo, que assumiu um papel de liderança na perseguição da igreja. Ia de casa em casa entre os cristãos e os arrastou para o cárcere, nem sequer poupando as mulheres. A atividade de Saulo é plenamente confirmada pelo seu próprio testemunho insuspeito (1 Coríntios 15:9; Gálatas 1:13; 22-23; Filipenses 3:6; 1 Timóteo 1:13).²²

Neste texto de Atos 8.1 há pelo menos três possibilidades de interpretação acerca de quem o pronome “todos” engloba. As principais teorias, de acordo com Kistemaker são: (a) Literalmente todos os cristãos fugiram de Jerusalém excluindo o grupo apostólico. Nesta interpretação considera-se que Maria, mãe de Jesus, também tenha permanecido na cidade junto com o apóstolo João, que passara a cuidar dela após a morte de Jesus (b) Outra possibilidade é que sendo Estevão um judeu de fala grega a perseguição tenha tido como alvo apenas os judeus helenistas (c) A terceira possibilidade é que, a despeito dos judeus helenistas terem suportado a perseguição, os judeus hebreus não ficaram isentos dos seus efeitos. Não obstante Saulo, quando ia de casa em casa procurando os cristãos, provavelmente não fazia distinção entre os de fala grega e os de fala aramaica.²³

O capítulo nove informa que Saulo, insatisfeito apenas em participar da morte de Estevão, resolve perseguir os cristãos fora de Jerusalém, trazê-los de volta amarrados e julgá-los em Jerusalém, pois ali as autoridades judaicas teriam plenos poderes para executar qualquer tipo de sentença.²⁴ Stott retrata Paulo como “um animal selvagem e feroz”, e destaca a única vez do uso do verbo *lymainomai* no Novo Testamento. De acordo com Stott, o verbo usado por Lucas realça a destruição que Paulo causou à Igreja, e compara seu significado ao uso feito no Salmo 80.33 (LXX) de animais selvagens destruindo uma vinha.²⁵ Lucas não explica como havia cristãos em Damasco, uma vez que haviam fugido para as regiões da Judéia

²² MARSHALL, 1982, p. 147.

²³ KISTEMAKER, 2006, p. 381.

²⁴ KISTEMAKER, 2006, p. 433.

²⁵ STOTT, 1990, p. 189.

e Samaria, mas preocupa-se apenas em registrar a vontade de Saulo de prender os seguidores do Caminho, como Lucas mesmo qualifica o novo movimento religioso. Kistemaker explica que Damasco era a residência de muitos judeus, e inclusive contava com um bairro exclusivamente judaico. Os cristãos, mesmo formando um grupo distinto, continuaram a reunirem-se com seus patrícios nas sinagogas da cidade. Portanto, Saulo contava com a ajuda dos líderes das sinagogas para prender os cristãos.²⁶

Algum tempo depois, após sua conversão, Saulo passa a ser também um dos perseguidos, tendo que fugir de Damasco em um cesto através de uma abertura no muro da cidade, uma vez que os judeus armaram uma emboscada à porta para matá-lo (Atos 9.24-25). Kistemaker nos informa que os judeus se utilizaram dos canais oficiais do governo para promover este plano de matar a Paulo, logo isso justifica sua fuga precipitada, evitando assim o confronto com seus perseguidores.²⁷

No capítulo doze de Atos, Lucas registra o momento onde os apóstolos passam, da mesma forma, a serem perseguidos no episódio do martírio de Tiago, irmão do apóstolo João, e também registra o momento que o rei Herodes (Herodes Agripa I, neto de Herodes, o Grande) põe-se a prender alguns dos que pertenciam à Igreja. Este episódio descreve a hostilidade do poder político, representado pelo imperador Calígula, contra os cristãos. Tiago foi morto à espada, de acordo com a prescrição de Deuteronômio 13.6-18. Este trecho vaticina que alguém deveria ser morto apedrejado se convencesse outra pessoa de adorar outros deuses. Porém, se esta pessoa convencesse uma cidade inteira de adorar outros deuses esta deveria ser morta à espada juntamente com todos os habitantes da cidade. Logo, todos os habitantes de Jerusalém deveriam ter sido mortos de acordo com a interpretação de Herodes.²⁸ Para Comblin, este capítulo, que termina com a mor-

²⁶ KISTEMAKER, 2006, p. 433.

²⁷ KISTEMAKER, 2006, p. 458.

²⁸ KISTEMAKER, 2006, p. 568.

te trágica do rei Herodes, serve como um alerta aos perseguidores, pois, além de não conseguirem atingir sua meta, receberão ainda o castigo de Deus.²⁹

Eusébio de Cesaréia, em sua obra *História Eclesiástica*, cita uma tradição, tirada da *Hypotyseis* de Clemente, que o soldado responsável por introduzir Tiago no tribunal, para ser julgado, ficou comovido com seu testemunho e confessou ser também um cristão, sendo, desta forma, martirizado junto com Tiago.³⁰ Diz-nos ainda Eusébio que, no martírio de Tiago, irmão de Jesus, uma assembleia reuniu-se a fim de apedrejá-lo junto com outros que haviam sido acusados de violar a lei, no ano 62.³¹

Uma vez que a execução de Tiago agradou a opinião pública, Herodes prosseguiu com a perseguição aos cristãos, mandando prender o apóstolo Pedro, um dos líderes da Igreja de Jerusalém. Para evitar uma situação de fuga, Herodes destaca quatro grupos com quatro soldados para revezamento na prisão onde Pedro fora encarcerado. Neste ponto, o relato de Lucas concorda com a maioria das fontes históricas sobre o procedimento romano de colocar um grupo de soldados durante cada período da noite em sistema de revezamento.³²

Marshall sustenta que a mudança do foco da expansão da Igreja para a prisão de Pedro “seja indicar como a carreira de Pedro seguia linhas semelhantes àquelas de Jesus e de Paulo: o tema da prisão e da morte (real ou ameaçada) é comum nestas três vidas”.³³ Entretanto, não foi somente o poder religioso que perseguiu os primeiros cristãos, pois Lucas também registrou ao menos dois episódios nos quais o poder econômico, representado pelos mercadores gregos, persegue o apóstolo Paulo. O primeiro episódio está narrado em Atos 16, quando Paulo visita a cidade de Filipos. Em determinada ocasião, Paulo expulsa de uma jovem escrava um espíri-

²⁹ COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 224.

³⁰ EUSÉBIO de Cesaréia. *História eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p. 55.

³¹ EUSÉBIO, 2005, p. 55.

³² MARSHALL, 1982, p. 198.

³³ MARSHALL, 1982, p. 197.

to maligno, que servia de fonte de lucro para seus proprietários. Com a conversão da jovem ao cristianismo a fonte de lucro cessara, de acordo com o registro de Atos 16.19. O resultado foi a prisão de Paulo e Silas por meio de um processo por perturbação da paz na cidade, além do intenso castigo físico infligido sobre eles. Suas roupas foram rasgadas e receberam chicotadas diante de toda a multidão.³⁴ Comblin nos chama a atenção para a falta de um processo formal contra Paulo e Silas especialmente em se tratando da sociedade romana.³⁵ Merece nota especial o fato de que o carcereiro recebeu ordens para vigiá-los com cuidado (Atos 16.23). Por isso os colocou na parte mais inferior da prisão e prendeu seus pés no tronco (Atos 16.4). Talvez tenham ouvido notícias sobre o aprisionamento de Pedro e tenham temido qualquer tipo de resgate miraculoso.³⁶

O segundo episódio de perseguição oriundo do poder econômico está descrito em Atos 19. Nesta ocasião Paulo estava na cidade de Éfeso, onde o resultado do anúncio da mensagem cristã fez com que os cidadãos queimassem uma grande quantidade de livros sobre magia e ocultismo que somavam grande quantidade de dinheiro (Atos 19.19). Além disso, Demétrio, cuja atividade econômica era a ourivesaria, percebeu que a nova mensagem trazida por Paulo prejudicaria sua fonte de lucro (Atos 19.25-27). Por isso ele organizou um tumulto, que só não terminou em agressão, porque Paulo fugiu da cidade (Atos 20.1). Marshall nos chama a atenção para o fato que Demétrio desviou o objeto de sua preocupação do lucro de sua atividade econômica para uma causa religiosa comunitária, atraindo, desta forma, o apoio popular para sua causa particular.³⁷ Stott concorda dizendo que “interesses econômicos foram disfarçados de patriotismo local - neste caso, também sob o manto do zelo religioso”.³⁸

³⁴ STOTT, 1990, p. 300.

³⁵ COMBLIN, 2012, p. 292.

³⁶ MARSHALL, 1982, p. 256.

³⁷ MARSHALL, 1982, p. 297.

³⁸ STOTT, 1990, p. 347.

Lucas descreve nos capítulos 21 a 23 o episódio da prisão de Paulo em Jerusalém e Stott argumenta que Lucas, ao narrar estes episódios, quer que admiremos Paulo por sua perseverança em detrimento às profecias de sofrimento que teria que enfrentar.³⁹ Nesta ocasião, alguns judeus da Ásia reconheceram a Paulo no templo e incitaram a multidão contra ele. A acusação era, aparentemente, religiosa, quando disseram que Paulo introduzira um grego no templo, além de desobedecer a lei dos judeus, assim como Estevão antes dele, ao atacar os símbolos fundamentais da religião judaica: o povo, a lei e o templo.⁴⁰ A multidão agarrou Paulo e tentou matá-lo por meio de espancamento. O comandante Cláudio Lísias, quando soube da agitação, destacou alguns oficiais e soldados para o local do alvoroço. No momento que o comandante e os soldados chegaram a multidão parou de espancar Paulo, que foi preso com duas correntes, provavelmente com um braço amarrado a cada soldado. Stott acredita que Lucas esteja traçando um paralelo entre os julgamentos e sofrimentos de Jesus com os de Paulo ao expor que (a) foram rejeitados pelo povo e presos sem motivo; (b) foram acusados injustamente por testemunhas falsas; (c) foram batidos no rosto no tribunal; (d) foram vítimas dos planos dos judeus; (e) ouviram a multidão gritar “mata-o”.⁴¹

Foi permitido a Paulo falar aos judeus, porém, mesmo diante do pronunciamento de Paulo, a multidão exigia que ele fosse morto. Então o comandante, a fim de saber a razão de tamanho alvoroço, ordenou que Paulo fosse levado à Fortaleza Antônio⁴² para ser chicoteado e interrogado. Este método de tortura nos informa Marshall, era a praxe romana para

Examinar escravos e outras pessoas por meio de açoitá-los com um flagelo feito de tiras de couro às quais se fixavam pedaços

³⁹ STOTT, 1990, p. 376.

⁴⁰ MARSHALL, 1982, p. 324.

⁴¹ STOTT, 1990, p. 381.

⁴² A Fortaleza Antônio era uma fortificação militar construída por Herodes, o Grande, que era ligada ao Templo por uma galeria.

toscos de metal e osso; pode-se imaginar os efeitos pavorosos sobre as costas da vítima. Esta era uma experiência muito pior do que ser açoitado pelos judeus, ou o castigo romano de ser fustigado com as varas dos *lictores*.⁴³

Neste momento, Paulo revelou ser um cidadão romano, forçando o comandante a libertá-lo e levá-lo para o Sinédrio dos judeus, pois a aplicação deste tratamento era ilegal no caso dos cidadãos romanos. No sinédrio, Paulo, mediante uma manobra teológica, dizendo acreditar na ressurreição dos mortos, causa um tumulto entre as autoridades judaicas, que discordavam neste aspecto, obrigando, uma vez mais, o comandante tirá-lo dentre os judeus e levá-lo novamente à Fortaleza Antônia. Na fortaleza, longe do tumulto causado pelos judeus, um plano para matar a Paulo, arquitetado por mais de quarenta homens, foi descoberto. Ao saber deste plano, o comandante destacou uma guarda fortemente armada para levá-lo até Cesaréia, sede do governo romano de Samaria e da Judéia, visto que Paulo declarara-se cidadão romano. Marshall argumenta que Lucas está enfatizando a importância de Paulo e a escala real do perigo que ele corria.⁴⁴

Em relação a este trânsito de Paulo, Marshall nos informa que:

A situação jurídica parece ser que era normal processar um prisioneiro na província em que foi cometido o alegado delito mais do que na sua província de domicílio; já até o início do século II, no entanto, certamente existia a possibilidade de remeter um prisioneiro de volta à sua província de domicílio, e este procedimento poderia livrar um governador de uma causa jurídica delicada.⁴⁵

Paulo chega a Cesaréia, diante do governador Félix (Atos 24.1-27), com uma carta de apresentação redigida pelo comandante Cláudio Lisias. Tértulo foi o promotor designado para acusar a Paulo que baseou sua tese em três acusações: (1) Paulo causava contendas entre os judeus por todo mundo; (2) Paulo era o principal agitador da nova seita dos nazarenos; (3)

⁴³ MARSHALL, 1982, p. 334.

⁴⁴ MARSHALL, 1982, p. 344.

⁴⁵ MARSHALL, 1982, p. 347.

Paulo profanou o templo dos judeus.⁴⁶ Felix presidiu o primeiro julgamento de Paulo, porém, esperando receber suborno, Felix o deixa encarcerado chamando-o ocasionalmente durante este período. Este procedimento perdurou por dois anos e, neste ínterim, Félix foi substituído por Festo; porém, para agradar aos judeus, Felix manteve Paulo preso no Pretório.

Festo, assim como Félix, queria agradar aos judeus, pois estes o pressionavam acerca do julgamento de Paulo. Por esta razão, Festo propôs a Paulo um julgamento em Jerusalém, mas Paulo, alegando novamente inocência, apelou para Cesar, isto é, seria julgado em Roma. Mas, antes que sua viagem a Roma acontecesse, o Rei Herodes Agripa II⁴⁷ encontrava-se na região da Cesaréia para uma visita de cortesia a Festo. Nesta ocasião Festo aproveitou a oportunidade e apresentou a ele o caso de Paulo. O rei deu a Paulo a oportunidade para expor sua defesa, e ao fim do seu discurso, o rei Agripa, bem como o governador Festo não acharam nenhum motivo para a condenação de Paulo. Entretanto, como Paulo apelara para a corte máxima, ele iria a Roma. Nesta época Nero era o imperador.

A viagem para Roma transcorreu sob muitos imprevistos e intempéries. Após um desastroso naufrágio, e uma estadia forçada de três meses na ilha de Malta, Paulo finalmente prossegue rumo à capital do Império Romano. Ao chegar a Roma foi permitido a Paulo ficar preso em uma casa que ele alugara, onde ele recebia as pessoas e anunciava a mensagem da fé cristã com relativa liberdade. Esta situação durou dois anos, e diz-nos Eusébio, citando uma tradição oral da época, que após este primeiro período de prisão, Paulo lançou-se novamente ao anúncio da fé cristã, e, tendo retornado pela segunda vez a Roma, foi preso e martirizado sob o governo de Nero.⁴⁸ Eusébio demonstra, por meio da data de escrita das cartas a Timóteo, que o martírio de Paulo ocorreu nesta sua segunda visita a Roma.⁴⁹

⁴⁶ STOTT, 1990, p. 407.

⁴⁷ Filho de Herodes Agripa I, cuja morte é mencionada em Atos 12:23.

⁴⁸ EUSÉBIO, 2005, p. 68.

⁴⁹ EUSÉBIO, 2005, p. 68.

2 A FORMAÇÃO DA TEOLOGIA DA IGREJA CRISTÃ SOB PERSEGUIÇÃO DESCRITA NOS EVANGELHOS E NAS CARTAS

Conforme visto no início deste capítulo, grande parte dos escritos neotestamentários foram produzidos em períodos de perseguição ao cristianismo. Portanto, a partir de agora analisaremos como este ambiente de hostilidade e perseguição está refletido na composição literária do Novo Testamento.

Mateus, em seu registro do chamado Sermão do Monte, elenca entre as bênçãos proclamadas por Jesus a perseguição (Mt. 5.10-12). Esta é a única das oito bênçãos anunciadas que Jesus se preocupa em pormenorizar. A perseguição é a última das beatitudes relacionadas e conta com a exclusividade da comparação com os profetas do Antigo Testamento. Tasker comenta que esta perseguição ocorria em virtude dos cristãos recusarem o paganismo e a adoração da imagem dos imperadores romanos.⁵⁰ Hendriksen afirma que a perseguição não está necessariamente relacionada a causas sociais, étnicas, econômicas ou mesmo políticas, mas sua raiz reside em fundamentos religiosos, pois o caráter dos seguidores de Jesus é um constante protesto contra os não seguidores. Esta é a causa do ódio. Hendriksen conclui: “é por esta razão que o mundo odeia os filhos de Deus”.⁵¹ Rienecker destaca o estado de felicidade dos seguidores de Jesus, que Mateus afirma em seu texto serem bem aventurados em virtude da perseguição, e categoriza-os como invejáveis, pois podem alegrar-se na perseguição.⁵²

Mateus não explica a razão da perseguição aos discípulos por causa de Jesus, contudo Tasker afirma: “quando ele, o Messias, se retirasse da presença deles, o ódio do mundo, até então voltado contra Jesus enquanto estava na terra, se voltaria contra seus seguidores”.⁵³ Em Mateus 5.44 não há nenhum condicionador à perseguição, mas parece afirmar que a hostili-

⁵⁰ TASKER, 1980, p. 50.

⁵¹ HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 391.

⁵² RIENECKER, 1994, p. 79.

⁵³ TASKER, 1980, p. 50.

dade é uma realidade corrente. Broadus defende este ponto de vista, dizendo que, já naquele momento, Jesus era “odiado, injuriado e ameaçado de morte”.⁵⁴ Talvez Jesus esteja se referindo aos fariseus que o perseguiram e iguala sua condição de receptor desta hostilidade com os seus discípulos, isto é, como se eles próprios recebessem este tratamento.⁵⁵

Mateus é o único escritor dos sinóticos a registrar a atitude de autopreservação que os discípulos deveriam tomar ante a perseguição.⁵⁶ Novamente Jesus não nega a realidade da perseguição e aconselha a fuga imediata dos seus seguidores (Mateus 10.23). A oposição e perseguição não seriam vencidas pela permanência dos discípulos na localidade em questão; ademais, com a fuga, haveria oportunidade de visitar mais lugares apresentando os ensinamentos de Jesus. Esta atitude é tomada por Paulo e Barnabé saindo de Antioquia, indo para Icônio (Atos 13 e 14).⁵⁷

Apesar da ordem para a fuga, Jesus alertou para o fato de que alguns de seus seguidores não seriam poupados e a perseguição resultaria na morte de alguns deles (Mt 23.34). Tasker aponta que este vaticínio refere-se a Estevão e Tiago, que foram mortos pelos judeus, e ao apóstolo Paulo que seria perseguido por várias cidades.⁵⁸ O próprio apóstolo, antes de sua conversão, açoitava e perseguia os cristãos por várias localidades.⁵⁹ Hendriksen expressa sua admiração no cumprimento literal desta profecia de Jesus, observada em toda narrativa lucana de Atos, e afirma ser propósito de Deus que isso aconteça.⁶⁰ Bonhoeffer, citando o texto de Mateus 5.11, afirma que a perseguição pode se manifestar como injúria, difamação e até mesmo a morte, de tal forma que chancela as bem-aventuranças que Jesus coloca diante dos discípulos. Ainda de acordo com Bonhoeffer, a causa desta perseguição é

⁵⁴ BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1949. p. 156.

⁵⁵ RIENECKER, 1994, p. 97.

⁵⁶ TASKER, 1980, p. 86.

⁵⁷ BROADUS, 1949, p. 308.

⁵⁸ TASKER, 1980, p. 176.

⁵⁹ HENDRIKSEN, 2001, p. 471.

⁶⁰ HENDRIKSEN, 2001, p. 471.

o testemunho dos discípulos de Jesus diante das injustiças do mundo, cuja voz é ameaçadora e o resultado é um sofrimento paciente e silencioso.⁶¹

Lucas, ao contrário de Mateus, não aborda de maneira tão abundante a questão da perseguição, contudo em Lc. 21.12 ele menciona que, antes das catástrofes mundiais preditas por Jesus, seus discípulos enfrentariam grande oposição. Não fica explícito quem os entregaria às sinagogas e prisões, porém, devemos entender que as sinagogas, além da função religiosa, funcionava também como centro administrativo judaico, autorizado a julgar casos de desobediência à lei de acordo com a interpretação dos líderes judeus. Portanto, neste contexto, os discípulos de Jesus deveriam esperar a oposição dos judeus, enquanto que a citação de reis e governadores alertou os discípulos também para a oposição por parte dos gentios.⁶²

Bruce, ao comentar sobre João 15.20-21, afirma que a perseguição é uma característica de pertença dos discípulos de Jesus, uma vez que o próprio Cristo havia sido perseguido pessoalmente.⁶³ Pinto, ressalta, neste trecho, que a perseguição é o elemento negativo da promessa de Jesus aos seus seguidores.⁶⁴ Hendriksen afirma que os discípulos, na qualidade de servos, não deveriam se considerar imunes à perseguição, uma vez que Jesus, seu Senhor, foi perseguido. Ele ainda destaca o aspecto positivo desta situação ao citar a obediência dos discípulos na perseguição.⁶⁵ Ainda de acordo com Hendriksen, o desconhecimento da filiação de Jesus foi o grande motivo da perseguição, pois “se o tivessem conhecido, eles teriam conhecido Jesus como Filho Unigênito; então, não o teriam perseguido”.⁶⁶

Para Carson, a perseguição é oriunda do estilo de vida dos discípulos. O raciocínio é simples. A maneira de viver de Jesus atraiu a hostili-

⁶¹ BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 65.

⁶² MORRIS, Leon L. *Lucas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 278.

⁶³ BRUCE, F.F. *João. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1987. p. 268.

⁶⁴ PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008. p. 166.

⁶⁵ HENDRIKSEN, *Comentário do Novo Testamento: João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 708.

dade dos judeus, logo, se os discípulos aplicassem às suas próprias vidas o modelo de Jesus, atrairiam para si a mesma hostilidade. Portanto, a perseguição não dependeria de quem os discípulos eram, mas de quem Jesus foi. Isto fica evidente na afirmação de Cristo que a perseguição ocorreria “por causa do meu nome”.⁶⁷

Na primeira carta aos coríntios⁶⁸, Paulo cita seu próprio testemunho pessoal dizendo ter suportado as perseguições que sofrera em vez de retaliá-las (1 Co. 4.12). Paulo, portanto, age da mesma maneira que Jesus havia prescrito aos seus seguidores em Mt. 5.44 e Lc. 6.28. Neste trecho Paulo usa sua experiência de perseguição para advertir os críticos da igreja e fundamentar seu amor e preocupação pelos coríntios.⁶⁹ Calvino afirma que Paulo, ao mencionar a perseguição à qual é submetido, quer demonstrar sua disposição para humilhar-se voluntariamente a fim de atacar os falsos apóstolos que rondavam a igreja de Corinto, que certamente não suportariam tal sofrimento. Portanto, neste trecho, segundo Calvino, há um propósito apologético da perseguição.⁷⁰

De acordo com Kistemaker, Paulo está ensinando aos coríntios que os verdadeiros servos de Cristo devem passar por aflições e sofrimentos. Entretanto, os cristãos deveriam aplicar na prática diária as lições de Jesus sobre amar os inimigos e orar pelos que os perseguem. Kistemaker ainda destaca que os verbos que Paulo usa neste trecho são usados no tempo presente, significando que os verdadeiros apóstolos eram ridicularizados e perseguidos constantemente, porém, aprenderam a viver sob a opressão conforme Jesus havia ensinado.⁷¹

⁶⁶ HENDRIKSEN, 2004, p. 709.

⁶⁷ CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007. p. 527.

⁶⁸ Não entraremos na questão crítico-textual sobre o número exato de cartas que Paulo enviou aos coríntios por não fazer parte do escopo desta pesquisa.

⁶⁹ UNGER, Merrill F. *Manual bíblico Unger*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 514.

⁷⁰ CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003. p. 142.

⁷¹ KISTEMAKER, 2004, p. 203.

Em Rm 12.14, trecho incluído na parte prática do serviço cristão da carta aos Romanos, Paulo coloca diante da Igreja de Roma um novo desafio ao evocar literalmente as palavras de Jesus registradas em Mt. 5.44 e Lc. 6.28, exortando-os a abençoarem seus perseguidores.⁷² Logo, a atitude cristã diante da perseguição, muito além de apenas não revidar os ataques, assume um caráter ético superior pedindo a benção de Deus sobre os perseguidores. Barth diz que a Cristandade ataca a sociedade, por isso a perseguição será quase inevitável. Embora a maldição seja prevista em toda Bíblia, o cristão tem a oportunidade de agir de forma totalmente inesperada aoabençoar e não amaldiçoar.⁷³ Stott afirma que a perseguição é necessária para a vivência do desafio do amor cristão; ademais, “não existe maneira melhor de expressar nosso anseio pelo bem-estar dos nossos inimigos do que transformando-o em oração e ação”.⁷⁴ Para Hendriksen, a atitude de abençoar os perseguidores deve se sobrepor ao desejo natural do ser humano a invocar a vingança divina; “abençoar, neste contexto, significa ‘invocar a benção de Deus sobre’”.⁷⁵

A perseguição é uma das características que mostram o contraste que há entre a fragilidade humana e o poder de Deus. Este princípio está demonstrado em 2 Co. 4.7-9 quando Paulo destaca, por meio de quatro paradoxos, sua vulnerabilidade em face ao poder sustentador de Deus.⁷⁶ A perseguição não deveria levar ao desespero e ao desânimo, pois estes sofrimentos apontavam para uma glória futura (2 Co. 4.16). Ademais, de acordo com Unger, “o crente vivencia o sofrimento e a morte, como fez seu Senhor, para que a vida de Cristo seja revelada e vista nele.”⁷⁷ O ministério do apóstolo Paulo tipifica esta oposição entre fraqueza humana e poder de Deus ao

⁷² UNGER, 2006, p. 507.

⁷³ BARTH, 1999, p. 709.

⁷⁴ STOTT, 2000, p. 402.

⁷⁵ HENDRIKSEN, *Comentário do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. p. 548.

⁷⁶ KRUSE, Colin. *II Coríntios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1994. p. 114.

⁷⁷ UNGER, 2006, p. 528.

passar pelos mesmos sofrimentos e perseguições pelos quais passou Jesus.⁷⁸ Não obstante, Paulo considera-se um perseguido capaz de escapar em razão da promessa feita por Jesus de que estaria sempre com os seus.⁷⁹

Paulo condena a atitude covarde dos gálatas, frente à perseguição que a cruz de Cristo traz, ao se submeterem ao rito da circuncisão (Gl. 6.12). Para Paulo, a cruz de Cristo traria a oposição e a perseguição, neste caso específico, dos judeus. Logo, para Paulo não havia um meio termo entre o cristianismo e a aceitação social plena do cristão.⁸⁰ Pohl destaca que a circuncisão poderia livrar aqueles que se submeteram à essa prática da perseguição judaica e romana. Da judaica, pois, como mencionado, seriam aceitos religiosa e socialmente pelos líderes judeus. Da romana, pois o judaísmo era uma *religio licita*, que contava com muitos privilégios que o cristianismo não tinha. Portanto, os que aceitavam essa prática não haviam se convertido de fato ao judaísmo, mas buscavam um meio se livrar-se do sofrimento e perseguição; essa atitude, para Paulo, era inconcebível.⁸¹

No fim de seu ministério, Paulo escreve ao seu discípulo Timóteo exortando-o à perseverança, e Paulo não faz questão de esconder que tempos difíceis estavam por vir. Algumas recomendações acerca de como enfrentar e se preparar para estes tempos tão sombrios estão registradas em 2 Timóteo. Em 2 Tm 3.12 Paulo faz uma afirmação um tanto dura e bem expressiva. “De fato, todos os que desejam viver piedosamente em Cristo Jesus serão perseguidos”. Stott diz que a referência que Paulo faz à paciência leva naturalmente às perseguições e sofrimentos que ele enfrentou⁸², e, a fim de exemplificar sua própria perseverança, Paulo relembra

⁷⁸ DOCKERY, David S. (Ed.). *Manual bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 738.

⁷⁹ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 2 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p. 210.

⁸⁰ GUTHRIE, Donald. *Gálatas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984. p. 193.

⁸¹ POHL, Adolf. *Carta aos Gálatas*. Curitiba: Esperança, 1990. p. 205.

⁸² STOTT, 2009, p. 90.

essas perseguições pelas quais passou em Antioquia, Icônio e Listra (2 Tm 3.11). Para Kelly,

a perseguição tal como ele [Paulo] teve de suportar é o destino de todos quantos querem viver piedosamente em Cristo Jesus. O próprio Jesus tinha ensinado a seus seguidores a esperar que teriam de carregar a cruz, e a experiência que Paulo tivera durante toda sua vida (cf. e.g. 2 Co. 11:23-29) convenceu-o de que este era um ingrediente inescapável da vocação cristã (cf. esp. 1 Ts. 3:4). A comunhão com Cristo no sofrimento realmente é parte integrante da união mística do cristão com Ele.⁸³

De acordo com Pinto, essa perseguição aconteceria em virtude da tomada de posição do cristão ao lado de Jesus e da justiça.⁸⁴ Para Stott a escolha de uma vida piedosa é a sujeição para uma vida de perseguição, pois “a piedade provoca o antagonismo do que é mundano; sempre foi assim.”⁸⁵ Hendriksen, ao analisar os efeitos de uma vida piedosa em Cristo afirma que, “as cicatrizes são o preço que todo crente paga por sua lealdade a Cristo”, e, tratando sobre as causas da perseguição diz que:

A razão por que a perseguição espera a todos os que estão firmemente resolvidos a adornar sua confissão com uma verdadeira vida cristã é que, em meio às contradições provenientes de todos os lados, eles se recusam ou a fechar seus ouvidos ou a ceder e a fazer acordo. Em vez disso, eles encaram o inimigo e o desafiam ao combate. Marcham em linha reta, defendendo ousadamente a fé contra todo e qualquer ataque, e corajosamente atacam a fortaleza da incredulidade. O resultado é a perseguição, às vezes muito amarga.⁸⁶

Unger assume um caráter mais escatológico ao afirmar que a perseguição descrita neste trecho se intensificará “nos tempos difíceis que precederão a volta de Cristo”.⁸⁷

⁸³ KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 183.

⁸⁴ PINTO, 2008, p. 452.

⁸⁵ STOTT, 2009, p. 91.

⁸⁶ HENDRIKSEN, 2001, p. 361.

⁸⁷ UNGER, 2006, p. 592.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo NVI*. São Paulo: Vida, 2003.
- BOYD-MACMILLAN, Ronald. *A fé que persevera*: guia essencial sobre a perseguição à Igreja. São Paulo: Missão Portas Abertas, 2009.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Discipulado*. 11. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2004.
- BROADUS, John A. *Comentário de Mateus*. São Paulo: Casa Publicadora Batista, 1949.
- BRUCE, F.F. João. *Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1987.
- CALVINO, João. *1 Coríntios*. São Bernardo do Campo: Parakletos, 2003.
- CARSON, D. A. *O comentário de João*. São Paulo: Shedd Publicações, 2007.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- COHN, H. *Encyclopaedia judaica*. Grand Rapids: Eerdmans, v. 6, 1992.
- DOCKERY, David S (Ed.). *Manual bíblico Vida Nova*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- EUSÉBIO de Cesaréia. *História eclesiástica*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.
- GUNDRY, Robert H. *Panorama do Novo Testamento*. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p. 217.
- GUTHRIE, Donald. *Gálatas. Introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- HENDRIKSEN, William. *Comentário do Novo Testamento: Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- _____. *Comentário do Novo Testamento: Romanos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- _____. *Comentário do Novo Testamento: João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- HURLBUT, Jesse Lyman. *História da igreja cristã*. São Paulo: Vida, 2007.
- KELLY, J. N. D. *I e II Timóteo e Tito: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.
- KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- _____. *Comentário do Novo Testamento: 2 Coríntios*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- _____. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KRUSE, Colin. *II Coríntios*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1994.

MARSHALL, I. Howard. *Atos*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1982.

MORRIS, Leon L. *Lucas*: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008.

POHL, Adolf. *Carta aos Gálatas*. Curitiba: Esperança, 1990.

UNGER, Merrill F. *Manual bíblico Unger*. São Paulo: Vida Nova, 2006. p. 514.